

Contra a Paz em Separado

RUBEM BRAGA

HOJE traduzirei apenas uma pergunta do repórter de «Playboy» e a resposta de Fidel, pois esta é um pouco longa.

Pergunta — Em entrevista a um jornal, em 1964, o senhor disse que um dos pontos que poderia considerar como base para negociações com os Estados Unidos seria a questão de Cuba abandonar a assistência a movimentos revolucionários em outros países da América Latina. Continua a ser esta sua posição?

Resposta — «O que eu disse naquela ocasião foi que o nosso país estava pronto a viver dentro das normas de caráter internacional, obedecidas e aceitas por todos, de não-intervenção nos negócios internos de outros países. Acredito, porém, que essa fórmula não pode ser limitada a Cuba. Estaríamos dispostos a discutir nossos problemas com os Estados Unidos dentro da moldura de uma política mundial de paz, mas não temos interesse em discuti-los independentemente da situação internacional. Não estamos interessados em negociar a respeito de nossas diferenças enquanto os Estados Unidos estão intervindo em São Domingos, no Vietnam e por toda parte, enquanto está desempenhando o papel de polícia repressiva internacional contra os movimentos revolucionários. Como as coisas estão, preferimos correr os mesmos riscos que outros países enfrentam, e não temos desejo de viver em paz com os Estados Unidos.

Não temos direito de cuidar de nossos problemas independentemente do resto do mundo. Uma tal política entraveceria grandemente os países pequenos que têm problemas com os imperialistas. Qual é a estratégia do Pentágono, e por que eles pensam que podem prosseguir impunemente nessa política? É a idéia do equilíbrio nuclear; a hipótese deles é que a explosão da guerra termonuclear é impossível, dado o maciço poder de destruição e a inevitabilidade da aniquilação mútua, e isto lhes deixa as mãos livres para empreender guerras de outro tipo, guerras locais convencionais, campanhas limitadas de repressão etc. Bem, da mesma maneira nós, revolucionários, acreditamos que a guerra revolucionária pode se desenvolver sem perigo de guerra nuclear. Isto é, a contrapartida da atual estratégia intervencionista dos Estados Unidos — é nossa política de dar inteiro apoio às guerras de libertação de todos os povos que desejam livrar-se do imperialismo.

Em breve os Estados Unidos serão levados a espoliar suas forças de maneira a manter guerras intervencionistas de natureza universalmente odiosa contra os movimentos revolucionários na Ásia, na África, na América Latina. Eles se acharão cada vez mais sozinhos, isolados e repudiados pela opinião mundial. O movimento revolucionário irromperá em todos os países oprimidos e explorados, e mesmo que o «equilíbrio nuclear» crie uma situação em que a guerra termonuclear possa se tornar realmente cada vez mais difícil, porque nenhum dos lados a desejará, os Estados Unidos perderão inevitavelmente a luta contra os movimentos revolucionários, simplesmente porque as condições sociais e históricas objetivas favorecem extraordinariamente a luta dos povos subdesenvolvidos.

Ainda tem mais.

1412167

235